
**CAMINHANDO PELA HISTÓRIA PASSADA:
UM CONTO ARQUEOLÓGICO**

Alex da Silva Martire¹

RESUMO

Façamos um esforço de imaginação: como seria um diálogo entre Bruce Trigger e Gordon Childe? E se pudéssemos acompanhar suas discussões arqueológicas no pós-morte? Esse trabalho propõe, sob forma de conto literário, uma viagem pela História da Arqueologia, passando por autores de destaque nesse campo de conhecimento. Desse modo, construímos, junto com Bruce Trigger um panorama da paisagem arqueológica.

PALAVRAS-CHAVE: História da Arqueologia, Histórico-Culturalismo, Processualismo, Pós-Processualismo, Teoria, Método.

ABSTRACT

Let's make an effort of imagination: what would a dialogue between Bruce Trigger and Gordon Childe be like? What if we could follow his post-mortem archeological discussions? This work proposes, in the form of a short story, a journey through the History of Archeology, through prominent authors in this field of knowledge. Thus, we built, along with Bruce Trigger, an overview of the archaeological landscape.

KEYWORDS: History of Archeology, Cultural History, Processualism, Post-Processualism, Theory, Method.

RESUMEN

Hagamos un esfuerzo de imaginación: ¿cómo sería un diálogo entre Bruce Trigger y Gordon Childe? ¿Y si pudiéramos acompañar sus discusiones arqueológicas en el post-muerte? Este trabajo propone, en forma de cuento literario, un viaje por la Historia de la Arqueología, pasando por autores destacados en ese campo de conocimiento. De ese modo, construimos, junto con Bruce Trigger un panorama del paisaje arqueológico.

PALABRAS CLAVE: Historia de la Arqueología, Arqueología Cultural Historicista, Arqueología Procesual, Arqueología Postprocesual, Teoría, Método.

Em 2006, Bruce Trigger perdeu a luta para o câncer e cerrou os olhos pela última vez. Quando acordou, percebeu que estava em um amplo vazio branco que, em nada, se

¹ Doutor, Pesquisador Associado do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial – LARP, MAE-USP.

parecia com alguma instalação da McGill University. Um ponto escurecido perdido no espaço lhe chamou a atenção: caminhou. Aproximando-se, reparou no grande cubo de cimento com inúmeras janelas reluzentes. A porta abriu-se automaticamente, revelando uma biblioteca com diversos andares e transeuntes. *Ora, mas quem vejo ali!* Um homem com elegante terno estava no final do salão, ajeitando seus óculos redondos enquanto observava três figuras discutindo perto da estante marcada com “Base Essencial da Moderna Arqueologia”. “Olá, Bruce, esperava que vivesse mais tempo, confesso”. *Estou morto e isso é o Paraíso?* “Não, aqui é uma espécie de limbo para arqueólogos, mas não se preocupe: em breve poderá ascender, se desejar”. *Pensarei no caso, mas, me diga, porque Thomsen, Worsaae e Montelius estão gesticulando tanto, como se brigassem, mas não os escuto?* “Respostas simples, meu caro: a primeira é porque acadêmicos nunca sabem dialogar – estão discutindo para ver quem é o grande responsável pela base da arqueologia que dura até o presente dos mortais; a segunda, não se pode ouvir as vozes de semideuses, seria tão cruel que sua cabeça explodiria, morrendo pela segunda vez, e, creia-me, isso é possível... Eu avisei o Petrie para não tentar arrancar palavras à força, coitado...” *Ah, certo. Eu pensei que era porque ninguém entende os idiomas escandinavos.* “Também” – e Gordon Childe se pôs a lustrar os óculos. Mirando aqueles três magníficos seres tão antigos, Trigger divagou. Porém, diferentemente de sua profissão terrestre, tempo e espaço eram manipulados a seu bel-prazer agora, tornando-o onisciente de sua obra feita em vida.

De cartola, apresentava-se o dinamarquês Christian Jürgensen Thomsen. Sendo de uma família abastada, Thomsen possuía o hábito de colecionar moedas tão presente nessa classe da sociedade. A numismática legara-lhe o gosto pela ordenação cronológica, uma vez que esse objeto permitia a identificação de datas, além da classificação por regiões e matérias-primas usadas na cunhagem. Graças à sua paixão e competência para classificações, a Comissão Real Dinamarquesa para a Coleção e Preservação de Antiguidades, em 1816, convidou-o para assumir o cargo de catalogador da coleção. Conhecendo a divisão em idades sucessivas proposta por Lucrécio em *De rerum natura* – pedra, bronze e ferro – Thomsen tratou de enquadrar sua classificação nesse pressuposto; assim sendo, nas próprias palavras de Trigger (2004, p.73): “A noção de três idades sucessivas – da pedra, do bronze, e do ferro – não foi, como às vezes se pretende, mera especulação, mas antes uma hipótese para cuja formulação já se dispunha de alguma evidência”. Porém, fato que deve ter feito com que Thomsen tirasse sua cartola para coçar a cabeça, muitos artefatos pelos quais era responsável não tinham valia para a

classificação pois eram peças isoladas. Para contornar esse óbice, atentou para os artefatos que haviam sido encontrados em conjunto, ou seja, que foram enterrados ao mesmo tempo. E a isso chamou “achado fechado”. Sua metodologia após abrir o achado era a seguinte: estabelecimento de tipologia dos artefatos de acordo com seu uso (facas, panelas, colares etc.), matéria-prima e forma; relação de tipos que eram encontrados juntos ou não; análise da decoração dos artefatos. Com essas informações em mãos, Thomsen “conseguiu distinguir artefatos de bronze feitos na Idade do Bronze de outros da mesma natureza feitos na Idade do Ferro, demonstrando que grandes facas de pedra e pontas de lanças de sílex, que tinham formas similares a outras de bronze, haviam sido feitas na Idade do Bronze. Por vezes, ele conseguiu agrupar em sequência artefatos isolados baseando-se nas similaridades estilísticas. Deste modo, elaborou um esboço de sequência cronológica para o conjunto da pré-história dinamarquesa” (TRIGGER, 2004, p.74). Thomsen foi além, preocupando-se com o contexto no qual os achados haviam sido encontrados. *Fator tão importante para nós* – sorriu Bruce de si para si. As três idades sucessivas foram corroboradas, então, por meio da classificação empírica dos artefatos baseada no tipo, na decoração e em seus contextos registrados: *dando origem aquilo que na Arqueologia é conhecido por datação relativa* – pensou Trigger.

Os olhos do recém-finado passaram para o outro dinamarquês, que empunhava seu livro *Antiguidades primitivas da Dinamarca* (1843) como se fosse uma espada, apontando o dedo em riste para a face do sueco. *Jens J. A. Worsaae, o primeiro arqueólogo profissional especializado em pré-história* – disse Trigger, baixinho, para Childe. Se tivesse labutado em algum país tropical, certamente ele estaria bronzeado, pois Worsaae foi um grande pesquisador atuante no trabalho de campo: mas a verdade é que seu sorriso tímido, seu alto topete e sua tez permaneceram os mesmos sob o clima escandinavo. As escavações, feitas com *métodos estratigráficos*, de Worsaae de achados fechados ajudaram a confirmar as ideias de Thomsen: “elas propiciaram uma demonstração mais concreta das mudanças culturais ao longo do tempo que a seriação” (TRIGGER, 2004, p.79). Mais: estudando os vestígios vikings da Bretanha e Irlanda, o dinamarquês deduziu que a aplicação do sistema de três idades de Thomsen era aplicável a praticamente quase toda a Europa. Worsaae também foi o responsável por fazer com que arqueólogos dialogassem com outras áreas do saber, como a biologia e a geologia (*Aumentando significativamente as brigas de ego... ó vida* – amargurou-se Trigger). Esse diálogo tornou-se essencial na Arqueologia, tendo os pesquisadores das diversas correntes de pensamento arqueológico usado os variados argumentos das diferentes áreas para sustentarem seus discursos. Desse modo, a

cronologia relativa iniciada por Thomsen teve um forte apoio oriundo do trabalho estratigráfico realizado por Worsaae. *A arqueologia pré-histórica não teve origem em um empréstimo de esquemas de datação tomados de outras disciplinas. Ao contrário, ela teve início com o desenvolvimento de uma nova técnica de datação relativa, própria para o material arqueológico* – Trigger (2004, p.82), empolgado, afirmou para Childe, que deu de ombros: “Ao menos, fomos originais em algo, não?”.

O último dos três senhores mantinha uma austeridade única. Seu espesso bigode transmitia sabedoria. Se os primórdios da arqueologia se preocupavam com a evolução, o cientista social Oscar Montelius, a partir da década de 1860, começou a enfatizar uma orientação mais histórica da arqueologia, não se centrando tanto, como muitos de seus colegas, na compreensão do cenário ecológico das culturas pré-históricas. A metodologia empregada por Montelius foi uma lapidação da seriação proposta por Thomsen: a comparação tipológica e decorativa dos artefatos encontrados em achados fechados de uma série de regiões levou-o a deduzir que havia “conjuntos de associações representativos não de vastas unidades de tempo (como seria a Idade do Bronze, por exemplo), mas de subdivisões dessas idades, subdivisões estas que ele acreditava terem durado, cada qual, só umas poucas centenas de anos” (TRIGGER, 2004, p.152). Dessa maneira, Montelius dividiu, na década de 1880, o Neolítico em quatro períodos, a Idade do Bronze em seis e a Idade do Ferro em dez. *Ah, um grande defensor do difusionismo!* – com curiosidade, Trigger observava Montelius. E tinha razão: o sueco argumentava, com base em suas cronologias, que, na pré-história, o desenvolvimento cultural tivera seu centro no Oriente Próximo, e que ondas de migração e difusão haviam sido as responsáveis por levarem determinadas criações para a Europa, através dos Bálcãs e da Itália (ou seja, periferias). *No entanto, as críticas feitas ao trabalho desse excelentíssimo senhor não foram ao seu método – irrefutável, mas, sim, ao fato de não crerem que o centro difusor fosse o Oriente Próximo, esbravejando, em todo o seu nacionalismo Oitocentista, que a Europa era o local mais desenvolvido do mundo, que era impossível pensar nela como periferia. Por outro lado, os cristãos – para a raiva de Richard Dawkins! – sentiram-se confortáveis com as ideias de Montelius: a difusão a partir do Oriente Próximo era contrário ao que estava escrito na Bíblia. Mas... apesar de todos os debates ocorridos nessa época, é inegável que a contribuição de Thomsen, Worsaae e Montelius tornou-se fundamental para a Arqueologia. Concorde com meu morto colega David Clarke (2008, p.56), o sistema de três idades oriundo daquilo que até hoje se faz necessário, a classificação, é a base essencial da moderna arqueologia analítica.*

Gordon Childe pigarreou, fazendo Bruce Trigger desviar seus pensamentos. “Creio, Bruce, que é hora de irmos. Venha, vou levá-lo para conhecer nosso bibliotecário: ele poderá ajudar em sua jornada”. *Jornada?* – pensou Bruce, mas manteve-se quieto e acompanhou os passos do australiano. Não havia notado antes, mas, no centro do salão principal da biblioteca, imergia uma escada em espiral, profunda. *Estranho, aqui também existem subsolos, será a reserva?* Childe foi descendo os degraus até terminarem em uma sala escura. Nada se via a não ser uma espécie de ilha em seu meio. Trigger se espantou: *Nossa, uma montanha formada apenas com livros, que bizarro!* Escalaram com certa dificuldade, chegando ao topo, onde existia somente uma antiga mesa de carvalho, sobre a qual se debruçava um homem com olhar meio perdido. À aproximação, o ser se encolheu, quase se escondendo atrás das pilhas de livros. “Bruce, quero apresentar-lhe o Sr. Peter Kien, responsável por nossa biblioteca”. Ao apertar sua delicada mão, Trigger teve a impressão de que conseguiria esmagar os seus pequeninos ossos. “Sr. Kien, traga-me os livros que eu havia reservado, por gentileza”. Em poucos segundos, algumas obras foram deitadas sobre a mesa. “Reconhece-as, Bruce?” *E como haveria de não as reconhecer? Uma delas está aberta no capítulo escrito por mim, “Aims in Prehistoric Archaeology”, presente em Time and Traditions: Essays in Archaeological Interpretation, a outra é de Lewis Binford, “Archaeology as Anthropology”, artigo contido no livro An Archaeological Perspective (1972).* “Correto” – disse Gordon – “Gostaria de citar um excerto seu, páginas 20-21: ‘It is no surprise that the same archaeologists express varying degrees of hostility towards the traditional, particularizing view of prehistory, which they stigmatize as being descriptive and lacking theoretical content. L. R. Binford denies that ‘reconstruction of the past’ can be the ultimate aim of archaeology. If it were, archaeology would be ‘doomed to be a particularistic, non-generalizing field’. The ‘reconstruction and characterization of the past’ is viewed as mainly having a ‘role of the general education of the public’. Binford, apparently, does not believe that historical objectives have scholarly values in their own right, although here his stand may be polemical (...). Plog draws a similar distinction between ‘processual as opposed to strictly historical analysis’ and champions the use of the past ‘as a laboratory for testing hypotheses concerning social and cultural process’”. Fechando o livro, Childe completou: “Como sabe, morri antes disso, explique-me, por favor”. *Bem... com certeza o farei, empreste-me aqui o Binford.*

O artigo de Lewis Binford é tido como a pedra angular da corrente de pensamento arqueológico denominada Processualismo. Em seu texto, Binford identifica três campos de

comportamento que podem ser inferidos a partir dos artefatos e dos contextos em que foram encontrados – ambiental, social e ideológico. Resumidamente, pode-se dizer que o Processualismo (também chamado de Nova Arqueologia) enfatiza a importância de se dar explicação a partir do confronto de hipóteses. Ao contrário do Histórico-Culturalismo, ou arqueologia tradicional, em que semelhanças e diferenças eram explicadas por pessoas compartilhando normas sobre a cultura, a arqueologia processual explica a variação em termos de participação diferencial na cultura (entendida como nosso principal meio de adaptação). O objetivo da arqueologia processual é buscar as razões de porquê ocorrer a *variação adaptativa* (GAMBLE, 2004). Para tanto, o Processualismo procura *leis gerais* no comportamento e nos fenômenos da vida social (proximidade com a Antropologia); os padrões comuns podem ser inferidos a partir dos artefatos, que, por sua vez, são classificados de acordo com suas funções, podendo ser técnicos (tecnologia, ambiente); sociotécnicos (organização social); ou ideotécnicos (ideias, valores, crenças). Outra característica importante dessa corrente é a *teoria de médio alcance*, baseada no experimento e na observação de pessoas e animais fazendo coisas no mundo moderno que podem nos auxiliar a entender como padrões são criados. Também faz parte dessa teoria a utilização da Arqueologia Experimental (fabricação de artefatos no presente) para a compreensão da tecnologia do passado. O objetivo da teoria de Binford é compreender transformações evolutivas. O foco central do Processualismo não é chegar aos indivíduos, mas ao *sistema* que há entre o indivíduo e o artefato. O indivíduo é impotente para mudar o sistema (natural ou social). A mudança cultural não ocorre por meio da difusão ou da migração (como dita o Histórico-Culturalismo), mas em termos de processo, sendo os dados arqueológicos particularmente úteis ao estudo das mudanças ocorridas na longa duração.

Binford apontava uma falha na arqueologia tradicional: a falta de uma teoria que explicasse as mudanças culturais. Devido ao fato de seus expoentes – tais como Kroeber, Pitt Rivers, Wheeler e Childe – serem, de certa maneira, herdeiros do pensamento boasiano, o culturalismo histórico é uma corrente particularista, pesquisando a dimensão histórica dos fenômenos culturais, se esforçando para explicar o processo de distribuição dos elementos culturais no espaço. A fim de se estabelecer leis gerais que explicassem os fenômenos analisados, Binford apregou a necessidade de romper com o particularismo oriundo da História: “Archaeological data are viewed particularistically and ‘explanation’ is offered in terms of specific events rather than in terms of process” (BINFORD, 1972, p.21). Explicação, para o autor, “is simply the *demonstration* of a constant articulation of variables

within a system and the measurement of the concomitant variability among the variables within the system” (1972, p.21). “Ora, mas esse senhor está equivocado!” – finalmente, Gordon Childe expressou algo além do tédio – “Será que só leu algumas de minhas obras? Na década 1920, *eu* já havia usado uma concepção *funcionalista* de cultura para facilitar minhas análises histórico-culturalistas, fazendo a distinção entre traços étnicos, que não se difundem rapidamente, e traços tecnológicos, de rápida difusão”. *Concordo, Gordon, e fiz toda essa apresentação para chegar ao cerne da questão que me impôs: sendo sábio, tenho absoluta certeza de que já percebeu que, no Processualismo, História e Arqueologia não compactuam, mas, sim, a Antropologia Cultural está intimamente ligada às teorias acerca da arqueologia pré-histórica dos novos arqueólogos.* “Deveras” – concordou Childe.

Entretanto, a redação de “Aims in Prehistoric Archaeology” combate essa visão processualista de que a arqueologia é uma “ciência social experimental”, como diz F. Plog, pois não é possível usar o passado “as a laboratory for testing hypotheses concerning social and cultural process” (TRIGGER, 1978, p.21). De modo algum o passado é algo palpável, algo alcançável e manipulável em sua plenitude para podermos simplesmente testar hipóteses nele. E, se o fosse, o teste processualista careceria de dados mais particularistas a fim de dar conta de um sistema total, abrangente de uma sociedade. O particularismo – que Binford insiste em dizer que é o fim último da História – acabaria com o método *dedutivo* das proposições testadas; além disso, o Processualismo nega a possibilidade de se reconstruir o passado por meio da cultura material, pois seria um método – na visão de Binford – *indutivo* (TRIGGER, 1978, p.24) e meramente descritivo. Contudo, há muito tempo as disciplinas históricas preocupam-se com explicações, elas não possuem apenas “descriptive objectives or are interested only in determining matters of fact and discussing chronological relationships” (TRIGGER, 1978, p.25). Na verdade, a História não trabalha somente com explanações individualistas do passado, ela também atua sobre regularidades, no entanto, não formula leis gerais como as ciências sociais: “(...) the fact that historians set as their goal the detailed explanation of particular historical events does not mean that they do not perceive regularities that occur repeatedly in their data or attempt to formulate general rules to explain these regularities. (...) Current trends in history proper thus reveal the irrelevance of the traditional dichotomy between history and science. Historians use social science theories to interpret their data while social scientists, in turn, use the findings of historians as one means of formulating and testing general theories. History and the generalizing social sciences are like the two sides of a coin – complementary rather than antithetical” (TRIGGER, 1978, p.27).

Childe, em seu tempo, a arqueologia relacionou-se com a História. Na década de 1960, emergiu o repúdio – principalmente entre os arqueólogos americanos – ao historicismo, excluindo todas as situações que não fossem de notável regularidade; devemos entender essa ojeriza como algo de seu contexto: após a Segunda Guerra Mundial, houve um intenso intervencionismo político e econômico dos EUA sobre o resto do mundo que acabou por incutir uma ideologia de que não deveriam existir estudos de qualquer tradição nacional, ou seja, históricos, para não ir contra uma ideia de humanismo universal; assim sendo, buscaram-se em setores americanos como a economia, a ciência política, a sociologia e a etnologia generalizações nomotéticas (TRIGGER, 2004, p.305-306). A partir da década de 1980, novamente, os arqueólogos aproximaram-se do viés histórico com a corrente de pensamento denominada Pós-Processualismo, tendo seu expoente em Ian Hodder (mas não vem ao caso aqui). Enfim, quero enfatizar que, com meu texto, defendo ser a História uma ciência também, com conteúdo teórico, não sendo relegada apenas a um papel de educadora do público, como afirmou Binford. E mais: arqueólogos trabalham com conceitos de ambas as áreas, História e Antropologia, sendo essa separação bem delineada apenas um fruto de ideologias dos profissionais da Arqueologia. Generalizações nomotéticas e explicações históricas são processos indissolavelmente ligados: nenhum dos dois pode progredir sem o outro, ou ser reduzido ao outro (2004, p.365).

A conversa foi interrompida por barulhos vindos do sopé da montanha, exatamente do lado oposto ao que escalaram. “Sr. Kien, levarei esses livros. Bruce, vamos descer, percebo que está intrigado com os ruídos lá de baixo”. Escorregando entre os exemplares, os dois homens chegaram a um gigantesco terreno. Estava dividido em segmentos pertencentes a geografias específicas: havia geleiras, desertos, florestas, cidades, cavernas e, ao fim, um mar ou oceano. Centenas de homens e mulheres iam e vinham, carregando pás, baldes e enxadas, ajoelhando-se sobre a terra ou entrando em buracos rigorosamente quadrados. *Arqueólogos... por que estão aqui, Gordon? “Diga-me você”. Parece que estão aqui para... aprender? “Talvez” – e Childe voltou a ajeitar seus óculos sobre o nariz. Foram até uma árvore ali perto e sentaram-se sob sua sombra “Leia isso, por favor. Entenderá o que fazem aqui”. Bruce Trigger observou o livro: era uma tradução inglesa da obra *Qu’est-ce que l’archéologie?* (1982; tradução de 1988) de Paul Courbin, página 112: “Whatever the reasons, the interest, the necessity that may have brought an archaeologist to collect particular types of facts (it may be the site itself or, in the site, its chronology, its cultural*

affiliation, or its topography, its urbanism, its architecture – public or private – its craft activity, its pottery, its coins, its metallurgy, or its cemeteries, its art, together with its agriculture, its imports, exports, its relationships with the region, etc.), in short, whatever his approach to the problem, whatever the perspective from which he views his work, be it historical, anthropological, sociological, ethnological, the true archaeological activity, the one in which the archaeologist finds his identity and is aware that no one can take his place to advantage, is certainly the ‘establishment’ of facts”.

Apesar de a Arqueologia se aproximar da História ou da Antropologia – de acordo com seus defensores – a disciplina arqueológica é única. Ela se difere das demais áreas do saber quando atentamos para o *seu* objeto de trabalho específico, nos dizeres de Courbin, o “estabelecimento de fatos”. Os fatos arqueológicos praticamente podem ser quaisquer objetos físicos: desde uma conta de vidro até mesmo uma cidade ou região inteiras. Para Paul Courbin, o que essencialmente faz de um arqueólogo um arqueólogo – e não um historiador, um antropólogo ou um astro hollywoodiano – é o trabalho em campo, a escavação.

Qualquer pessoa pode escavar um sítio arqueológico, basta treinamento. Ano após ano, centenas de estudantes de cursos de Arqueologia pelo mundo afora servem como mão-de-obra barata para a realização de escavações. Em troca, recebem orientações e, principalmente (não se pode negar), conhecimento sobre sua área de atuação. A felicidade de muitos professores arqueólogos está no riso incontido que surge do despreparo de seus pupilos: danificam perfis, sofrem para encontrar dentes de bugios nas peneiras, reclamam dos insetos... enfim, inúmeras são as ocasiões pelas quais os alunos passam para conseguir a habilidade em campo. Mas, como afirma Courbin em seu livro, essa é uma etapa fundamental para o desenvolvimento do arqueólogo.

O arqueólogo que vai a campo é o profissional correto para lidar com o que encontra debaixo da terra. Se, ampliando-se agora a noção de *fato* para *contexto*, uma pessoa despreparada for posta em uma quadrícula, ela poderá fazer uma leitura incorreta do contexto arqueológico. O maior problema residiria no aniquilamento dos vestígios materiais sem uma interpretação dos dados: a Arqueologia é uma ciência que, para lidar com seus contextos, acaba por, literalmente, destruí-los (embora existam métodos prospectivos não invasivos). Uma vez destruído, não há retorno: o contexto estará para sempre perdido. Esse teor catastrófico fez Courbin defender uma linha *positivista* de trabalho de campo: dados

são importantes demais no estabelecimento de fatos (ou contextos). A arqueologia tem, então, sua especificidade delineada e responde à questão que dá título ao livro de Paul Courbin: “Arqueologia é estabelecimento de fatos”. Ironicamente, o ato de se estabelecer esses contextos depende exclusivamente da vontade do arqueólogo, em outras palavras, a subjetividade tão apregoada pelo Pós-Modernismo está ligada aos métodos positivistas de trabalho em campo.

Sim, estão aqui para aprender a prática de campo! “Aqueles que não a exerceram em vida, agora terão tempo suficiente” – sorriu Childe. *Estive pensando... ainda sobre esse tema de escavações e discussões sobre o relacionamento da Arqueologia com outras áreas há um livro de um colega peruano, o Luis Guillermo Lumbreras. Você o teria por aí, no meio dessa pilha que trouxe?* “Deixe-me ver” – e procurou. “Ah, sim, o Sr. Kien havia o separado, tome”. Bruce Trigger folheou *La arqueología como ciencia social*, de 1974, até encontrar o que desejava. Aqui na página 35, Gordon; esse trecho vai ao encontro do que conversamos até agora: “No importa que la Arqueología sea considerada parte de la Antropología, de la Historia o se le considere ‘autónoma’, en cualquier caso sus procedimientos deben ser los mismos. En su tarea científica debe cubrir en primer lugar los niveles de observación y análisis antes mencionados y luego pasar al nivel de comparación y finalmente al de la generalización. En los dos primeros actúa como una técnica muy especializada, ligada muy íntimamente a las llamadas ‘ciencias naturales’; en los dos últimos actúa como ‘ciencia social’, total y absolutamente interdependiente con las demás disciplinas sociales, tanto que parte de la misma teoría y sirve a la misma teoría”.

Lumbreras define a Arqueologia como “el estudio de los elementos materiales dejados por los pueblos, que le sirven a la ciencia para definir el nivel de desarrollo de sus fuerzas productivas, cambiantes a lo largo del tiempo, y con diversas formas en el espacio” (LUMBRERAS, 1974, p.26). Como diz, esse estudo da Arqueologia, independentemente de em qual corrente de pensamento o arqueólogo se insere, tem uma base em comum. A convergência se faz na coleta de dados dos registros oriundos do campo. A escavação é etapa fundamental e praticada por todos os arqueólogos: é ela que fornece o objeto para a análise posterior. Ninguém nega isso. O desenvolvimento das técnicas de campo se deu durante o período em que o Histórico-Culturalismo era a vanguarda arqueológica. Desde então, os métodos foram se aperfeiçoando, mas o ato de escavar não foi deixado de lado. No momento de registro e classificação dos vestígios materiais achados nos contextos a Arqueologia se mostra como uma das ciências mais tradicionalmente positivistas. Histórico-

culturalistas, processualistas e pós-processualistas, todos passam pela etapa de campo. Embora as correntes que vieram após a arqueologia tradicional a tenham duramente a criticado, reconhecem sua colaboração em apontar o imprescindível trabalho de escavação sistemática.

A arqueologia, então, é capaz de fornecer fontes para a interpretação do passado (diferentemente do que diziam os histórico-culturalistas). Segundo Lumbreras, a arqueologia é uma ciência, uma vez que *ciencia* “es la manera sistemática de llegar al conocimiento de los fenómenos naturales y las leyes que los rigen” (LUMBRERAS, 1974, p.31). Sendo processualista, o autor deixa claro que o objetivo arqueológico é o de se entender *processos* e *leis gerais*. E para chegar a esse entendimento a arqueologia deve passar por quatro etapas: observação – registro e verificação dos fenômenos naturais; análise – descrição e classificação; experimentação ou comparação – verificação de regularidades nos fenômenos observados; generalização – enunciação de leis sobre os fenômenos. Como Lumbreras disse no excerto já citado, as duas primeiras etapas são técnicas, equiparadas às ciências naturais; as outras duas são específicas (nesse caso, da Arqueologia). O peruano também concorda que os arqueólogos devem utilizar tanto as ciências generalizantes (Antropologia), como as particularistas (História). Inclusive, Lumbreras, embora processualista, aproxima-se mais da vertente historiográfica: afirma que a História consegue produzir leis gerais, mas seus críticos fazem questão de negar essa possibilidade: “Pero entonces ¿por qué negar la posibilidad de las leyes históricas? La razón es muy simple; la burguesía, que en su etapa revolucionaria descubrió esta posibilidad, teme a la ley histórica en la medida en que ella, la ley, sirve para ‘predecir el futuro’. Así como una ley genética sirve para predecir el resultado, por ejemplo, de un cruce de animales de distinta raza, igualmente, una ley histórica sirve para predecir, entre otras cosas, la forma como será destruída históricamente la burguesía” (1974, p.33). A explicação do arqueólogo ressalta sua formação marxista. Lumbreras deixa sua ideologia transparecer em sua obra, e isso é algo presente desde os primórdios da arqueologia: muitos ideais políticos foram utilizados calcando-se na cultura material passada. Talvez falte mais aos arqueólogos a transparência de suas ideologias como faz Lumbreras.

A identidade da Arqueologia se dá, portanto, no nível empírico do tratamento que damos aos contextos estabelecidos. Mas ela só se completa após o processo de trabalho de campo, com o chamado “trabalho de gabinete”: quando ocorrerá a classificação (que irá gerar a datação relativa criada por Thomsen e aperfeiçoada por Worsaae e Montelius), a

formulação de hipóteses e, por fim, aquilo que é o objetivo central para Lumbreras, a generalização (leis). Todas as correntes de pensamento arqueológico são iguais durante as duas primeiras etapas ditadas por Lumbreras, a diferenciação – e o surgimento de novas correntes – acontece a partir das duas etapas finais, pertencentes à interpretação de dados.

“Já é tarde, devemos partir, Bruce”. Trigger o seguiu pela imensa planície repleta de arqueólogos concentrados em suas fainas. Ao fim, um alto rochedo surgiu diante de seus olhos: uma cascata de chama descia pela encosta, formando uma cortina de fogo. “Deixo-o aqui, meu caro” – afirmou Childe. *Devo atravessar esse fogo todo?!* “Sim, é o portão que encerra sua jornada. Não tema: dor você não pode mais sentir”. Bruce Trigger assentiu. *Obrigado, meu amigo, por tudo. Será que um dia voltaremos a nos ver?* “Espero que sim... há muito tempo executo esse trabalho de guia, preciso de alguém experiente para ficar em meu lugar quando eu também me for”. *E por que você ficou por aqui, por que não terminou sua passagem?* Gordon Childe sorriu debilmente, constrangido: “Sabe como é... há retaliações aos que cometem suicídio”. Sem mais nada dizer, Trigger abraçou seu amigo e adentrou o portão de fogo. Realmente não sentiu mudança alguma em seu corpo e, ao sair do outro lado do rochedo, sempre subindo, avistou uma paisagem lindíssima, de tirar o fôlego. Um oceano de nuvens estendia-se a perder de vista em um céu azul límpido. Um silêncio confortante imperava. Filas e filas de pessoas se formavam diante de um gigantesco portão dourado, a entrada do Paraíso.

Bruce Trigger permaneceu esperando durante meses, mas sem se cansar. Registrou seu nome no caderno e recebeu as chaves de seu apartamento. Sua felicidade ao entrar no Paraíso logo se desfez quando compreendeu que, para ter o acesso final, deveria, ainda, ser entrevistado pelo Todo-Poderoso. E lá estava Ele, um homem de aspecto bondoso e longa barba branca, sentado em sua escrivaninha, rabiscando papéis e analisando cadáveres de pombos. Uma placa em aço escovado sobre a mesa dizia a quem Bruce deveria se dirigir: “C.D.” Sem notar a presença de Trigger, o homem continuava seu trabalho. Um pigarro; dois. Finalmente, aquele senhor olhou para o arqueólogo que estava parado diante de si. *Se-senhor* – suas mãos tremiam de emoção – *estou aqui porque, bem... morri. Sei que já deve saber isso! Mas o que devo fazer agora?* O homem ajeitou seus óculos, cofiou a barba. “Simples, meu jovem mamífero, comenta esse excerto e poderás partir”. Bateu palmas e no espaço vazio surgiu uma citação do arqueólogo D.D. Fowler (2008, p.94): “Nation states, or partisans thereof, control and allocate symbolic

resources as one means of legitimizing power and authority, and in pursuit of their perceived nationalistic goals and ideologies. A major symbolic resource is the past”.

A Arqueologia, como qualquer ciência, não é isenta de ideologia. Há um uso feito dela. E com isso não devemos pensar que os arqueólogos, ao realizarem seus trabalhos, são imparciais, gerando apenas o conhecimento para que as demais pessoas o utilizem. Como Lumbreras, todos têm algum interesse por trás das pesquisas: desde bolsas de agências financiadoras para alunos até propaganda oficial de Estado. A política, quiçá, seja o setor mais beneficiado pela arqueologia. Um grande recurso simbólico é o passado, realmente.

O passado é a força que motiva as pessoas rumo a um futuro, é o conjunto de experiências de outrora que nos ensina – de certo modo – e auxilia em determinados momentos. O passado, racionalmente falando, é imutável. As coisas acontecem sem que tenhamos total controle sobre elas: obviamente, há o livre-arbítrio, mas nem sempre ele segue nossas primeiras intenções. Porém, quando o passado deixa de ser um acontecimento, ou melhor, usando o termo de Courbin, um *fato*, e torna-se um *discurso*, seu significado não necessariamente será o mesmo. O discurso do passado é modelável de acordo com nossos desejos. Um filme que retrata muito bem esse tema é *Big Fish* [Peixe Grande e suas histórias maravilhosas], de 2003, dirigido por Tim Burton. Will Bloom passou a vida inteira escutando as fantásticas histórias contadas por seu pai, Ed. Logo após o casamento do filho, Ed Bloom passa mal e é internado. No hospital, começa a contar as mesmas histórias de sempre a seu filho: seu encontro com um gigante (suposto devorador), seu contato com um grupo circense e com uma velha bruxa que havia lhe mostrado como seria a sua morte (mas que nunca chegou a revelar a seu filho), entre outras. Will o escuta entediado e, perdendo a paciência, diz a seu pai que tudo não passava de mentiras, que esses contos não eram verossímeis. A saúde de Ed piora e, estando às portas da morte, pede a seu filho que lhe conte o que a bruxa lhe havia dito sobre seu fim. Afirmando que Ed nunca lhe contara, Will percebe que, nesse momento, era a *sua* vez de construir um conto sobre o fim de seu próprio pai. E o faz, de forma linda e poética. Junta todos aqueles seres presentes nas histórias do velho Ed e cria uma narrativa tão fantástica quanto as histórias de seu pai. O mais surpreendente viria no funeral de Ed Bloom: aquelas personagens que, durante a vida toda Will negara a existência, aparecem para prestar homenagem ao bom amigo falecido. Elas não são exatamente da maneira como o pai falara (por exemplo, as gêmeas siamesas do circo eram somente gêmeas). Pasmado, Will compreende que seu pai

havia, sim, incrementado as histórias com tons fantásticos, mas apenas para dar uma nova roupagem a seu próprio passado, tornando-o bem mais atraente.

No caso da Arqueologia, um de seus maiores usos está na etnicidade (temática que foi bem forte durante o Histórico-Culturalismo, perdendo terreno no Processualismo e, finalmente, voltando à tona no Pós-Processualismo). Segundo a arqueóloga Siân Jones em seu livro *The archaeology of ethnicity: constructing identities in the past and present* (1997, p. xiii), etnicidade são todos os fenômenos sociais ou psicológicos associados à construção cultural de um grupo; o conceito de etnicidade foca os meios nos quais processos sociais e culturais interagem com outros na identificação de grupos étnicos. Mais: "Ethnic groups are culturally ascribed identity groups, which are based on the expression of a real or assumed shared culture and common descent (usually through the objectification of cultural, linguistic, religious, historical and/or physical characteristics). As a process ethnicity involves a consciousness of difference, which, to varying degrees, entails the reproduction and transformation of basic classificatory distinctions between groups of people who perceive themselves to be in some respect culturally distinct" (1997, p. 84).

Assim como nos dias atuais (em que grupos indígenas reivindicam a posse de objetos de seus ancestrais que estão em museus, ou a arqueologia para fins políticos do governo esquerdista de Hugo Chávez, por exemplo), o nacionalismo do século XIX esteve calcado sobre a identidade. O exemplo clássico dessa relação é a manipulação política do passado pela Alemanha Nazista. O filólogo e pré-historiador Gustaf Kossina, entre 1895 e 1931 (ano de sua morte), desenvolveu um paradigma étnico denominado "arqueologia do assentamento": sua premissa era a de que tipos de artefatos poderiam ser usados para identificar culturas, e que essas culturas, claramente distinguíveis, refletiam áreas de assentamentos de grupos étnicos. Com a ascensão do Nacional-Socialismo, o trabalho de Kossina foi alçado à posição de dogma para sustentar o mito de raça superior Ariana. A arqueologia teve um importante papel na ideologia do Terceiro Reich, sendo apropriada por figuras nazistas como Alfred Rosenberg, Heinrich Himmler e Adolf Hitler (JONES, 1997, p. 2-3).

Dessa maneira, ó Senhor, creio ter completado minha jornada, estando apto a entrar nos domínios celestes. Caminhei pelo desenvolvimento da Arqueologia, visitei os Três Sábios escandinavos e corroborei seus estudos sobre a classificação, que, até hoje, são a base da disciplina arqueológica. E que essa etapa, não importando a qual corrente de

pensamento pertença, é essencial para qualquer análise de dados: ela nos fornece a datação relativa, usada frequentemente mesmo com a ascensão dos métodos físico-químicos de datação desde meados do século XX. Enxerguei também a importância do estabelecimento de fatos (ou contextos), e a escavação, para a nossa área. Eles são a identidade da Arqueologia. Eles também servem ao propósito, digamos, “maior” do trabalho arqueológico: a escolha de determinados fatos é utilizada no campo político da sociedade, como um recurso valioso oriundo do passado humano. Todos os fatos são passíveis de uso e estão imbuídos de ideologias, seja na corrente histórico-culturalista, seja na processualista, seja na pós-processualista.

Bruce Trigger continuou parado em frente ao barbudo homem, esperando pacientemente Sua resposta.

C.D. sorriu – “Está liberado, meu jovem *sapiens*, seja feliz aqui no Paraíso”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINFORD, L. **An archaeological perspective**. New York: Seminar Press, 1972.
- CLARKE, D. Introduction and Polemic. In: MURRAY; T. & EVANS, C. **Histories of Archaeology**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- COURBIN, P. **What is Archaeology? An essay on the nature of archaeological research**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- FOWLER, D.D. Archaeology in the service of the State. In: MURRAY; T. & EVANS, C., **Histories of Archaeology**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- GAMBLE, C. **Archaeology: the basics**. London: Routledge, 2004.
- JONES, S. **The archaeology of ethnicity: constructing identities in the past and present**. London: Routledge, 1997.
- LUMBRERAS, L. **La arqueología como ciencia social**. Lima: Ed. Histar, 1974.
- TRIGGER, B. Aims in Prehistoric archaeology. In: **Time and Traditions: essays in archaeological interpretation**. New York: Columbia University Press, 1978.
- TRIGGER, B. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.